

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

ARTHUR NEVES ROSA SANTOS
CAMILA DE OLIVEIRA TOLEDO

**“VIVENCIAR: A DOR INVISÍVEL AOS OLHOS”: REPORTAGEM *LONG FORM*
SOBRE ARTRITE REUMATOIDE**

CURITIBA
2019

ARTHUR NEVES ROSA SANTOS
CAMILA DE OLIVEIRA TOLEDO

**“VIVENCIAR: A DOR INVISÍVEL AOS OLHOS” REPORTAGEM *LONG FORM*
SOBRE ARTRITE REUMATOIDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientadora: Prof^a. Dra. Karine Moura Vieira.

CURITIBA
2019

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo colocar em prática o jornalismo digital, com a realização da reportagem *long form* sobre a doença Artrite Reumatoide (AR). A Artrite Reumatoide é uma doença crônica autoimune que atinge as articulações do corpo humano, podendo provocar inflamações, inchaços e deformidades. VivenciAR: a dor invisível aos olhos foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas com pacientes e especialista da doença. O trabalho utilizou de uma narrativa humanizada para atingir de maneira mais profunda a sociedade, causando empatia, solidariedade e conscientização sobre a Artrite Reumatoide. A produção e métodos empregados no projeto ressaltaram a importância da especialização jornalística e do olhar para o outro na sociedade. Também se percebe uma lacuna no mercado sobre conteúdos jornalísticos que abordem de forma mais aprofundada a Artrite Reumatoide Além disso, também se percebe a falta de mais discussões teóricas sobre jornalismo de saúde e seu papel social na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo digital; reportagem *long form*; jornalismo de saúde; artrite reumatoide.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Pescoço de Cisne.....	22
IMAGEM 2 - Dedos em Botoeira.....	22
IMAGEM 3 - Desvio Ulnar e Hálux.....	23
IMAGEM 4 - Pergunta sobre conteúdo jornalístico.....	28
IMAGEM 5 - Pergunta sobre gênero.....	28
IMAGEM 6 - Pergunta sobre região.....	28
IMAGEM 7 - Pergunta Conhece Artrite Reumatoide.....	29
IMAGEM 8 - Pergunta sobre relação com doença.....	29
IMAGEM 9 - Áudio na reportagem <i>long form</i>	33
IMAGEM 10 - Box interativo reportagem <i>long form</i>	34
IMAGEM 11 - Primeira imagem interativa.....	34
IMAGEM 12 - Segunda imagem interativa.....	34
IMAGEM 13 - Terceira imagem interativa.....	35
IMAGEM 14 - Audiovisual na reportagem <i>long form</i>	35
IMAGEM 15 - Infográfico mapa.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JORNALISMO: CAMPO E ATIVIDADE	8
2.1 JORNALISMO CIENTÍFICO	10
2.2 GÊNERO INTERPRETATIVO E A HUMANIZAÇÃO	12
2.3 JORNALISMO DIGITAL	15
2.4 REPORTAGEM <i>LONG FORM</i>	17
3 ARTRITE REUMATOIDE	21
3.1 SINTOMAS E IMPACTOS DA DOENÇA	21
3.2 TRATAMENTOS	23
3.3 PACIENTES	24
4 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PRODUTO	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

Artrite Reumatoide (AR) é uma doença inflamatória crônica que afeta várias articulações do corpo. A causa é desconhecida, mas existem fatores que podem influenciar no desenvolvimento da doença. Por exemplo, condições genéticas, infecções virais, bactérias, tabagismo e fatores ambientais.

Para contextualizar a doença, trazendo informações sobre tratamentos, causa, sintomas, processo de cura, além de tornar público histórias de pacientes, a fim de, conscientizar a sociedade sobre o impacto da AR nas pessoas, será realizado uma reportagem especial, utilizando o estilo de reportagem *long form* para a internet. A produção tem a colaboração do Grupo de Apoio aos Pacientes Reumáticos no Brasil (EncontrAR)¹, fundado em 2008 que trabalha na difusão de informações sobre a doença, na conscientização sobre os seus efeitos, promove a aproximação de pessoas com doenças reumáticas, promover a difusão sobre Políticas Públicas, Projetos de Lei e Decretos que contemplem as necessidades das pessoas com doenças reumáticas e compartilhar histórias e relatos de pessoas com Artrite Reumatoide, pois “Dor compartilhada é Dor diminuída” (EncontrAR).

Para compreender a importância e a lacuna que o trabalho preencherá, foi realizada uma pesquisa sobre materiais produzidos para a internet sobre Artrite Reumatoide de 2016 a 2018. O objetivo da pesquisa foi identificar os principais motivos para falar sobre a doença. Desse modo, foi constatado que conteúdos jornalísticos produzidos tiveram como gancho eventos científicos e médicos, nos quais a doença era discutida. Os materiais com intuito de informar de forma geral sobre causas, tratamentos e danos em decorrência da Artrite Reumatoide, eram de blogs de saúde e de doenças reumáticas.

Na apuração para o projeto, nenhum conteúdo jornalístico no formato proposto por este trabalho foi encontrado. Sendo assim, a produção “VivenciAR: a dor invisível aos olhos” trará um conteúdo de formato diferenciado dos demais e abordará a AR de perspectivas distintas. Muito mais que preencher uma lacuna de mercado, o projeto a ser desenvolvido presta serviço de divulgação e informação à população, em uma

¹ Link: <https://encontrar.org.br/>.

plataforma que permite maior circulação do material, interatividade com o público e o uso de ferramentas e recursos de multimídias.

O objetivo geral do trabalho é realizar uma reportagem especial no modelo *long form* sobre a doença Artrite Reumatoide, identificando origem, tratamento e relatos de pacientes diagnosticados com a doença, a fim de, sensibilizar a população em relação à realidade de quem possui Artrite Reumatoide. Para atingir este objetivo, foram traçados três objetivos específicos. Primeiro, realizar uma pesquisa bibliográfica e documental sobre Artrite Reumatoide e seus impactos, investigando e apurando informações e dados sobre a doença; segundo, entrevistar pessoas diagnosticadas com a AR, um psicólogo e um especialista na doença e, por fim, construiu uma narrativa humanizada sobre Artrite Reumatoide no formato *long form*.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, [2018]), 1% da população no Brasil possui Artrite Reumatoide. Já de acordo com o Ministério da Saúde ([2018]), mais de 12 milhões de pessoas têm suas vidas afetadas por doenças reumáticas no país. Ainda segundo o Ministério, Porto Alegre é a capital brasileira que mais possui pacientes que sofrem de artrite ou reumatismo. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde, realizada em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), 7,8% dos gaúchos no Rio Grande do Sul têm diagnóstico de artrite ou reumatismo. Segundo o Grupo de Apoio a Pacientes Reumáticos (ENCONTRAR, [2018]), no Brasil não possuímos a contabilização de doenças crônicas, desse modo, não se sabe ao certo quantas pessoas possuem Artrite Reumatoide no país.

Entendemos que a internet é a melhor forma de ajudarmos o Grupo de Apoio aos Pacientes Reumáticos - EncontrAR, já que, produzindo conteúdo na web se pode alcançar qualquer pessoa em qualquer lugar com apenas um clique.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro é discutido, conceituado e comentado sobre a história do o jornalismo. Em seguida, sobre jornalismo científico, no qual apresentamos conceitos e subgêneros da área de especialização em ciência e tecnologia do jornalismo. O gênero interpretativo e a humanização da narrativa jornalística também são apresentados neste capítulo. Também nesta etapa aborda-se sobre jornalismo digital, reportagem *long form* e webdocumentário. No segundo capítulo são apresentados dados sobre a doença, impactos da doença, dificuldades e limitações causas pela AR nas pessoas portadoras da doença.

2 JORNALISMO: CAMPO E ATIVIDADE

O jornalismo é uma atividade em transformação. Desde os primeiros periódicos ainda no século XVII até os dias de hoje, o jornalismo vem acompanhando mudanças sociais e tecnológicas. Segundo Marcondes Filho (2002), a história do jornalismo pode ser separada em quatro partes: primeiro jornalismo, segundo jornalismo, terceiro jornalismo e quarto jornalismo. Em ambas as etapas a profissão sofreu mudanças, como até hoje acontece.

Entre 1789 e 1830, a primeira fase do jornalismo tinha como característica o conteúdo político e literário. Marcondes Filho (2002) explica, que o primeiro jornalismo tinha a função de iluminar, “tanto no sentido de exposição do obscurecimento à luz quanto de esclarecimento político e ideológico”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 11).

Nesse sentido, os jornalistas eram considerados como porta-vozes da sociedade. Profissionais de responsabilidade e seguranças do interesse da população.

Os jornais eram vistos como meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania insensível. Portanto a legitimidade jornalística está na teoria democrática e, segundo os seus teóricos, assenta claramente numa postura de desconfiança (em relação ao poder). [...] Com a legitimidade da teoria democrática, os jornalistas podem salientar o seu duplo papel: como porta-vozes da opinião pública, dando expressão a diferentes vozes no interior da sociedade que deveria ser tidas em conta pelos governos, e como vigilante do poder político que protege os cidadãos contra os abusos (históricos) dos governantes. (TRAQUINA, 2005, p. 47-48).

O segundo jornalismo tem início em 1830 e vai até 1900, nessa fase surge a imprensa de massa, o começo da profissionalização dos jornalistas e a capacidade de se auto sustentar. Essa nova imprensa se torna uma grande empresa capitalista que visa o lucro e, que mantém os princípios da profissão. “[..] a busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, o “caráter libertário e independente”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 14).

Com a liberdade do jornalismo em fornecer informações de responsabilidade social e civil ao público, se modifica o público-alvo dos jornais. “A nova tecnologia pregava que os jornais deveriam servir os leitores e não os políticos, pregava que

traziam informação útil e interessante aos cidadãos, em vez de argumentos tendenciosos em nome de interesse partidários, pregava fatos e não opiniões”. (TRAQUINA, 2005, p. 50).

Em 1900 começou o que o autor denomina de terceiro jornalismo. Nessa fase a imprensa se industrializa. A época é “marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizaram o mercado”. (PENA, 2008, p. 33).

O quarto e último jornalismo de 1960 até atualmente, se caracteriza pela informação na internet e de forma interativa. Com a tecnologia a produção e transmissão de informações cresceram. As fontes e produções tecnológicas aumentaram e, vem de todos os lados. (MARCONDES FILHO, 2002).

O papel do jornalista também se modifica no meio digital, que invade a vida social, cultural e econômica da sociedade através de dois fatores.

[...] Por um lado, assiste-se ao acelerado desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, por outro, como corolário desse processo, o conceito de comunicação invade com furor extraordinário todos os domínios da vida social, da economia aos esportes, da biologia celular à astrofísica. O primeiro processo é técnico, relativo ao hardware, o segundo é sua tradução no campo do conhecimento e da cultura. São os conteúdos - de dois tipos - promovidos por essa revolução. Um conteúdo “oficial”, que são os programas, os noticiários, o entretenimento veiculado nas redes de computadores, e um “conteúdo implícito”, que é o componente ideológico das novas tecnologias, aquilo que não se fala mas que “se passa” através do uso das técnicas”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 33).

Apesar das mudanças causadas pelo digital na vida das pessoas, inclusive dos jornalistas, a profissão é a mesma, pois o jornalismo continua com os mesmos princípios iniciais. (CASTILHO, 2005). Indiferente ao meio utilizado para disseminar informação, o jornalismo ainda está relacionado “ao caráter social da informação, à ética noticiosa, à privacidade dos usuários e aos procedimentos profissionais básicos como objetividade, isenção e checagem de notícias”. (CASTILHO, 2005, p. 234).

Durante todo o processo da evolução e transformação do jornalismo, desde 1789, estabelece “a ideia de que a primeira função de um jornal era noticiar com exatidão e não distorcer as notícias com propósitos políticos”. (TRAQUINA, 2005, p. 63). Por princípio a atividade jornalística tem um compromisso com a sociedade, pois cumpre com a função de vigiar e proteger a população de abusos do poder político e levando informações importantes e necessárias a vida dos cidadãos, assim contribuindo nas responsabilidades da sociedade.

2.1 JORNALISMO CIENTÍFICO

Produzir e transmitir as informações necessárias e relevantes à sociedade é o principal papel do jornalismo, desde seu surgimento até hoje, mas, com suas mudanças ao longo do tempo, o jornalismo agregou mais funções e responsabilidades aos profissionais da área. O jornalista é considerado um contador de histórias.

Em seus registros estão os resultados de um testemunho ou de uma investigação, a construção ou reconstrução de um acontecimento ou saber. O jornalista capta o mundo, conforma-o e informa-o através de um dizer. Diz-se sobre o mundo, para ele e, muitas vezes, por ele. (TAVARES, 2007, p. 42).

São inúmeros os assuntos abordados na produção de conteúdos jornalísticos. Por exemplo, esportes, política, cultura, econômico, científico, etc. Para Tavares (2007), a especialização no jornalismo acontece graças a proximidade do jornalismo para com a sociedade. Muito mais que publicar conteúdos para públicos específicos, o jornalismo está representando “uma peculiar relação entre o jornalismo e a sociedade, principalmente no que diz respeito às maneiras do primeiro lidar como segunda”. (TAVARES, 2007, p. 42-43).

A frequência com que a atividade do jornalismo especializado é praticada, desenvolve no leitor uma confiança e fidelidade na relação entre jornalistas e leitores. (TAVARES, 2007). Desse modo, as produções jornalísticas especializadas em determinado assunto possuem grande grau de relevância e credibilidade, pois utiliza de instrumentos e ferramentas jornalísticas para uma apuração e investigação mais aprofundada e experiente.

Diariamente o jornalismo pesquisa, investiga e produz conteúdos de diferentes assuntos. Dessa maneira, jornalistas se dedicam a se especializar em determinados assuntos como, por exemplo, o jornalismo no campo científico, tecnológico e de inovação, a partir destes criou-se o jornalismo científico e suas subáreas.

A presença excessiva da imprensa brasileira de temas abrangentes e complexos, situados no campo da ciência, tecnologia e inovação (mudanças climáticas, clonagens, cosmologia e astrofísica, alimentos transgênicos, sociobiodiversidade, nanotecnologia, agrotóxicos etc.) fortaleceu uma modalidade do jornalismo especializado denominada jornalismo científico, e ensejou a criação de subáreas, com relativa autonomia (jornalismo em saúde, jornalismo ambiental, jornalismo agropecuário, jornalismo em informática etc.) . (BUENO; SANTOS, 2015, p. 7).

O jornalismo científico é uma ligação entre a população e a sociedade científica ou tecnológica. O jornalismo atuante nesta área exerce o domínio público de forma ampla para a sociedade em geral. (RUBLECKI, 2009). “Ao profissional que nele atua cabe conciliar o papel informativo/disseminador da Informação Científica e Tecnológica com as regras, princípios e rotinas produtivas da imprensa”. (RUBLECKI, 2009, p. 408).

O importante é o maior número de pessoas terem acesso às informações científicas. Principalmente, as que têm maior relevância e impacto na vida dessas pessoas, dentro da vida social, política e econômica de cada cidadão. (OLIVEIRA, 2007, p. 11). A ciência está em pauta, não somente, no ramo científico. O jornalismo e a sociedade também discutem e adquirem conhecimento da área.

O conhecimento e a discussão sobre a ciência há muito deixou de ser privilégio de cientistas e pesquisadores presos em laboratório, trabalhando muitas vezes distanciados da realidade social. Na verdade, já fortes indícios de que a divulgação da ciência teve início com o próprio advento da imprensa de tipos móveis, em meados do século XV. (OLIVEIRA, 2007, p. 17).

O jornalismo de saúde é uma especialização dos jornalistas que se dedicam a “posição de decodificador de vocabulário, conceitos e discurso técnicos”. (VASCONCELOS, 2005, p. 248).

Falar sobre a ciência para a sociedade precisa de preparação. Como tradutor, o jornalista produz conteúdos de linguagens e finalidades diferentes dos profissionais da área científica. (OLIVEIRA, 2007). As redações jornalísticas ou científicas seguem normas e padronizações que se adequam aos seus respectivos públicos.

[...] Enquanto o cientista produz trabalhos dirigidos para um grupo de leitores, específicos, restrito e especializado, o jornalista almeja atingir o grande público. A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. (OLIVEIRA, 2007, p. 43).

A narrativa jornalística deve ser entendida por toda a população. Por isso, o jornalista precisa saber dos termos técnicos das ciências médicas, biológicas tecnológicas para, assim, transmitir a informação ao público em uma linguagem acessível a todos. (AZEVEDO, 2009). “O uso e o abuso da metalinguagem são excelente recurso para aproximar o público leigo das informações científicas”. (OLIVEIRA, 2007, p. 44).

De grande responsabilidade social, o jornalismo de saúde opera não somente como um tradutor do campo científico para a sociedade, mas também auxilia na prevenção e conscientização da população sobre os problemas da saúde.

[...] É sem dúvida um efeito difícil de quantificar, mas a atenção dos jornalistas aos problemas de saúde pode alterar comportamentos de risco nas sociedades, tal como pode influenciar o uso que as populações fazem dos cuidados de saúde que têm à sua disposição, bem como favorecer o sucesso ou induzir o abandono de práticas clínicas. (VASCONCELOS, 2005, p. 248).

Dessa maneira, Passoni (2005) afirma, que a capacitação, a ética, o cuidado e a preocupação com o conteúdo produzido e a população, o jornalismo de saúde tende a crescer e possuir mais credibilidade e ajudar na melhoria das pessoas.

[...] Capacitar-se, compreender a importância da informação emitida e publicada, sobretudo aquela que pode afetar diretamente a vida de milhares de pessoas, chama o profissional que atua no jornalismo de saúde para uma atitude e uma atuação mais responsáveis, críticas, educativas, entendendo que suas informações podem contribuir para a melhoria do aumento de qualidade de vida de muitas pessoas. (PASSONI, 2015, p. 56).

A democratização ao acesso à informação no campo da saúde tem grande importância para a sociedade, pois ajuda no conhecimento na área. Para Azevedo (2009), “a agenda mediática no campo da saúde pode não apenas contribuir para melhorar as notícias do setor, no sentido de acentuar as qualidades e atenuar os equívocos, mas ampliar a relação de confiança entre os meios de comunicação e a audiência”. (AZEVEDO, 2009, p. 1).

Portanto, o jornalismo de saúde tem o papel social de informar de forma clara e esclarecedora à sociedade sobre a saúde e passar conhecimentos que ajudem a melhoria na vida de cada indivíduo.

2.2 GÊNERO INTERPRETATIVO E A HUMANIZAÇÃO

Como vigilantes e informantes da sociedade, os jornalistas na prática do jornalismo se preocupam com os fatos, os acontecimentos e, principalmente, com a relevância do que é noticiado. Há diversas maneiras de informar o público, por este motivo, foram identificados cinco gêneros jornalísticos: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário (MARQUES DE MELO, 2010).

Para Marques de Melo (2010), o gênero interpretativo e diversional, como se refere, é o gênero que valoriza a história humana. Além disso, o autor aponta que este

gênero está ligado com o desenvolvimento da reportagem, que busca inserir o personagem ao acontecimento. Marques de Melo (2010), ainda chega a definir quatro formatos do jornalismo interpretativo e seus objetivos. São eles, o formato de dossiê, perfil, enquete e cronologia. O formato de dossiê é definido pelo autor matérias destinadas a complementar narrativas principais, com “boxes”, ilustrações, gráficos, mapas ou tabelas com dados. (MARQUES DE MELO, 2010).

O perfil é caracterizado com o protagonismo de relatos biográficos, por exemplo, os personagens de uma reportagem. O formato de enquete é definido por Melo, como reportagens que apresentam narrativas com apresentam relatos e pontos de vistas de cidadãos. Por fim, o autor define o formato cronologia como narrativas que exploram o fator tempo, recriando e recapitulando acontecimentos. (MARQUES DE MELO, 2010).

Independente do formato jornalístico é preciso compreender o jornalismo no seu contexto complexo como forma de conhecimento (MEDITSCH, 1998) e, como tal, a realização prática para além do relato noticioso, mas também na construção narrativa sobre o outro e sua realidade. É relevante trazer essa perspectiva na proposição de trabalhar o jornalismo especializado que tem como desafio ampliar o olhar sobre contextos específicos de conhecimento. Entende-se aqui que no contexto do jornalismo de saúde, o jornalista tem a complexa tarefa de compreender não apenas um novo conhecimento, mas também na construção de uma relação com os personagens e suas histórias. Como explica Medina (2006) é a articulação de uma “tríplice tessitura da ética, técnica e estética”, que trabalha objetividade e subjetividade na construção de uma narrativa na perspectiva da humanização.

Ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetuosa e poética, não se escapa dos problemas da crise de paradigmas reducionistas, da crise das percepções, da aridez emocional e da crise das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas. (MEDINA, 2006, p. 69).

Medina (2008), ressalta que a construção de uma narrativa humanizada começa na entrevista, pois “um leitor, ouvinte ou telespectador *sente* quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade [...]”. (MEDINA, 2008, pg. 5). Na produção da humanização no jornalismo estão as fontes de informação, o repórter e o receptor, que serão conectados por meio de uma história, baseada na vivência, na experiência e nos valores. (MEDINA, 2008).

Mas isso só ocorre quando a entrevista vai além do questionário de perguntas, se transformando em um diálogo, com motivação, emoção, interpretação e intimidade.

[...] Sua maior ou menor *comunicação* está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos - entrevistado e entrevistador - saem “alterados” entre o EU e o TU. Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 2008, pg. 7).

Este tipo de entrevista diálogo, como Medina chama, acontece quando jornalista e fonte buscam algo em comum e a verdade a respeito à pessoa ou problema. A medida que está diálogo se desenvolve, a humanização surge. Medina (2008), ressalta que está técnica não tem como objetivo a espetacularização, a glamourização ou o sensacionalismo, ao contrário, “é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, história de vida”. (MEDINA, 2008, pg. 18).

Esta área que interação social que o jornalista atinge com o entrevistado é composta pela técnica e o compromisso com a comunicação coletiva. Dá entrevista à reportagem, o foco é o entrevistado, que precisa se sentir à vontade, respeitado e valorizado pelo entrevistador, que conseguirá alcançar este nível com a fonte por meio da sensibilidade.

[...] Na busca de estruturação de uma narrativa nos deparamos com revelações de nossos personagens e suas ações, ou, em outros termos, dos protagonistas dos fatos sociais. Do interior dessa aventura criativa surge a *estrutura narrativa adequada*, o ponto de vista mais eficiente. Importa, mais do que fórmulas, um repertório rico de formas. Na intimidade do processo de pesquisa se ilumina o caminho a ser palmilhado pelo jornalista-narrador. (MEDINA, 2008, pg. 80).

Humanizar acontecimentos e histórias faz parte de uma narrativa que contém emoção, empatia, compreensão, etc. Mas é importante ressaltar que usar desses artifícios não quer dizer ultra romantizar o texto e sim passar emoção “por meio da atmosfera narrativa, da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, nos ritmos de cada pessoa”. (MEDINA, 2008, pg. 83).

Esta maneira de se fazer jornalismo demonstra a preocupação da profissão com a sociedade, especificamente com a fonte, o personagem, o indivíduo que divide sua vida, seus anseios, seus problemas e preocupações com o jornalista. Abordar e

praticar a humanização nas narrativas jornalísticas não é sensacionalizar os fatos e acontecimentos, mas sim, mostrar o outro, o pessoal, o subjetivo, de forma solidária, empática e respeitosa.

2.3 JORNALISMO DIGITAL

O processo de globalização potencializado pelo desenvolvimento da Internet permite que o mundo esteja conectado e que o acesso à informação seja maior. Mas de início, a Internet era um espaço onde somente era passado o conteúdo impresso para a página na web, chamada de home page.

Em vez de ver a web como um novo meio, com características próprias, as empresas tradicionais encararam como uma nova ferramenta para distribuir conteúdo, originalmente produzidos em outros formatos. Na melhor das hipóteses, via-se a presença na internet como uma extensão ou um complemento do produto tradicional. Assim, esta primeira década de jornalismo digital foi caracterizada por este pecado original: a simples transferência de um conteúdo de um meio tradicional para outro novo, com pouca ou nenhuma adaptação. (ALVES, 2006, p. 94).

O jornalismo digital não pode ser considerado apenas como um meio de transgressão de conteúdo. Para Barbosa (2006), “o jornalismo digital é a modalidade na qual as novas tecnologias já não são consideradas apenas como ferramentas, mas, sim, como constitutivas dessa prática jornalística”. (BARBOSA, 2006, p. 2).

É importante reconhecer as possibilidades de criação de conteúdo disponibilizadas na web, como enquete, vídeos, áudios, e chat online. (FERRARI, 2006). Outro fator recorrente da internet são os hipertextos. Esse elemento permite que o usuário consuma a informação da maneira que achar melhor.

Um bloco de diferentes informações digitais interconectadas é um hipertexto, que, ao utilizar nós ou elos associativos (os chamados links), consegue moldar a rede hipertextual, permitindo que o leitor decida ou avance sua leitura de modo que quiser, sem ser obrigado a seguir uma ordem linear. Na internet não nos comportamos como se estivéssemos lendo um livro, com começo, meio e fim. Saltamos de um lugar para outro - seja na mesma página, em páginas, em páginas diferentes, línguas distintas, países distantes etc. (FERRARI, 2006, p. 42).

Além disso, a instantaneidade e velocidade da web favorecem a disseminação e atualização das notícias em tempo real, pois um site, blog ou qualquer página na web pode realizar modificações nos conteúdos em qualquer momento. (WARD, 2006).

A adaptação ao meio digital é necessária para alcançar um grande público sem o apoio de um grande veículo. A internet possibilita que qualquer pessoa possa se manifestar e produzir conteúdo compartilhável. Uma pesquisa feita pelo IBOPE (2014), mostra que a internet é o segundo meio de comunicação mais utilizado no Brasil (26%), ficando atrás apenas da televisão.

As transformações no acesso e no gerenciamento de informações são muito mais amplas do que parecem. As novas gerações não conheceram o mundo sem Internet e sem os telefones móveis, que são outra ponta visível e popular do enorme iceberg que é a Revolução Digital em curso. Para essas novas gerações, o mundo baseado em bases de dados é a norma e não a exceção ou a novidade. As habilidades cognitivas dessas novas gerações são diferentes e terão um impacto inevitável na sua relação com os meios de comunicação. (ALVES, 2006, p. 4).

Segundo pesquisa divulgada em 2018 pelo IBGE², no ano de 2016, 63,3% da população brasileira tem acesso a internet nas suas casas. Ainda segundo o IBGE (2018), 116 milhões de pessoas estavam conectadas no ano de 2016. Para Alves, a internet está possibilitando a transferência de receptor para emissor.

Os meios de comunicação de massa sofrem, portanto, o efeito de inovações capazes de romper os modelos que há pouco tempo pareciam consolidados. A possibilidade de que jornais ou emissoras de TV, tal como os conhecemos, venham a desaparecer (midiacídio) é tão real como a repetição do processo de midiamorfose descrito por Fidler. A verdade é que vivemos um período de incertezas em relação ao futuro da mídia. O próprio conceito de comunicação de massas precisa de ser reavaliado, pois as tecnologias digitais permitem ao receptor das mensagens uma posição muito mais ativa, com muitas mais opções para selecionar as mensagens que deseja receber. O receptor não se senta passivamente diante da TV ou não abre simplesmente um jornal ou uma revista para consumir as mensagens que os gatekeepers prepararam para ele naquela edição ou naquela hora. O receptor agora tem o controle, o poder de acessar uma infinidade de fontes, sem as barreiras de tempo e espaço que limitavam sua ação até o advento da web. (ALVES, 2006, p. 4).

Uma outra grande vantagem de se produzir um conteúdo personalizado na internet é a multimidialidade. O fato de podermos valorizar as informações e adequá-las para a melhor forma de apresentá-las é um grande atrativo. “Tais mudanças podem ser atribuídas à possibilidade de acesso a informações por meio de bases de dados, à convergência de mídias e de redações e à proliferação de mídias institucionais e de ferramentas de auto publicação.” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p.8).

² <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>.

Mas o que difere a web dos demais meios de comunicação não é somente a velocidade, multimídia, hipertextualidade e instantaneidade. Para Rost (2014), a interatividade é um dos pilares da web e se caracteriza como uma relação entre os meios e os leitores.

A interatividade é um conceito ponte entre o meio e os leitores/utilizadores, porque permite abordar esse espaço de relação entre ambas as partes e analisar as diferentes instâncias de seleção, intervenção e participação nos conteúdos do meio. O contacto, a participação e o conteúdo que os utilizadores partilham, contribuem para definir as formas que o jornalismo atual adota. (ROST, 2014, p. 53).

Outro fator que difere a internet dos outros meios é a memória. A capacidade de armazenar dados e conteúdos diversos torna a web um potencial em armazenamento. Todos podem armazenar dados e depois buscá-los na rede. Os jornalistas e os usuários podem “recorrer ao passado arquivado para, fácil e rapidamente, situar e contextualizar a atualidade que lhe é apresentada através do fluxo midiático.” (PALACIOS, 2014, p. 96).

A personalização é outro diferencial da internet para Lorenz (2014), com a facilidade em produzir conteúdo para a web, a preocupação passou a ser como manter-se relevante no mercado de trabalho. Ainda segundo a autora, “a agregação é uma forma de personalização e de respostas às novas necessidades da audiência”. (LORENZ, 2014, p. 138).

A internet abre caminhos para a criatividade e a inovação, com as possibilidades de produção a forma como fazer jornalismo abrange inúmeras alternativas de criação.

2.4 REPORTAGEM *LONG FORM*

O jornalismo na web possui diversas possibilidades de narrativas, formatos e ferramentas que podem ser utilizadas para a produção de conteúdos. Com a velocidade que o meio digital oferece, as produções para a internet precisam ser rápidas e atraentes, mas os conteúdos em profundidade tomam cada vez mais espaço.

O chamado *longform* tomou seu lugar na web tanto em artigos, como em formatos noticiosos hipermidiáticos, tais com a grande reportagem multimídia

(GRM), seja em sites específicos, seja no jornalismo de referência. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 111).

De acordo com Longhi e Winques (2015), *long form* no jornalismo é definido como um relato aprofundado, que possui narrativas atraentes e utiliza de ferramentas multimídias. As características desse formato possibilitam uma leitura mais interessante e de fácil compreensão.

O aprofundamento no texto é a característica principal da reportagem *long form*, pois “o texto longo se destaca não apenas pelo formato, mas também pela apuração, contextualização e aprofundamento”. (LONGHI; WINQUES, 2015, p. 113). Para Longhi (2014), a grande reportagem *long form* tem se destacado no jornalismo digital, pois busca a convergência de linguagens do meio digital e, assim, produz conteúdos noticiosos multimidiáticos.

Definimos tais produtos como formatos hipermediáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contém as características de multimedialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online da informação. São exemplo: áudio-*slideshows*, *picture stories*, infografia online (*interactive graphics*), especiais multimídias (*multimedia features*) e, mais recentemente, a grande reportagem multimídia. (LONGHI, 2014, p. 901).

A grande reportagem multimídia *long form* se consolidou na primeira metade da década de 2000, desde então, vem adquirindo uma narrativa jornalística própria, com textos mais consistentes e segue o padrão de leitura vertical. (LONGHI, 2014). “Considera-se verticalizada, aquela em que a leitura se dá pela barra de rolagem ou *scrolling*”. (LONGHI, 2015, p. 121).

Com diversos formatos de utilização para a web, o jornalismo digital, com a multimídia, a hipermídia e a interatividade, é chamado de especial multimídia, pois é uma web-reportagem de usa elementos multimidiático em conjunto. (LONGHI, 2010). Adquirindo linguagem própria, as linguagens hipermediáticas, em estudos recentes, é definida pelo conceito de intermídia. (LONGHI, 2010).

Intermídia traduz-se na efetiva combinação e integração dos elementos multimídia, ou seja, um formato novo, diferentes daqueles que operam para lhe dar configuração, através da combinação e do rearranjo. Ainda que pareça dominado por vários nomes, o formato que entendemos como “especial multimídia” poderia ser definido levando-se em conta dois aspectos principais: as características de sua linguagem e as características ligadas ao gênero de formato informativo. (LONGHI, 2010, p. 152).

Para Longhi (2010), os aspectos de linguagem e gênero informativo do especial multimídia colaboram para a sua definição. O especial multimídia ou grande reportagem é “constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear”. (LONGHI, 2010, p. 153).

Com todas as características e possibilidades de narrativa, formatos e ferramentas que o ambiente digital proporciona, a reportagem *long form* garante potencialização na hipertextualidade, multimidialidade e interatividade. (BACCIN, 2017, p. 97). Os recursos do *long form* colaboram e aumentam as possibilidades de uma narrativa jornalística mais elaborada, pois é um potencializador da contextualização.

Por meio de textos longos, bem construídos e recheados de detalhes, porque requerem aprofundamento e cuidadosa apuração; conseguem abordar acontecimentos passados; trazer dados que esclarecem situações, depoimentos que expõem explicações sobre determinada ação. O longform vem colaborar com esse gancho qualitativo das narrativas jornalísticas, pois potencializa o uso desses elementos na construção das reportagens. (BACCIN, 2017, p. 97-98).

Textos jornalísticos longos, de ficção ou não ficção aplicados no texto *long form* e na *grande* reportagem multimídia tem espaço e possibilidades de diferentes apresentações. (LONGHI; WINQUES, 2005). O investimento nesse tipo de narrativa mostra um mercado em constante crescimento e inovação.

O contexto atual mostra um mercado em expansão para esse tipo de narrativa, seja como modelo de negócio ou estratégias profissionais, como demonstram sites e aplicativos específicos dedicados ao formato, seja no próprio fazer jornalístico diário, como se tem observado em grandes jornais de referência na Internet. (LONGHI; WINQUES, 2005, p. 124).

Segundo a autora, ao longo de 19 anos da história do jornalismo digital o avanço na evolução dos recursos utilizados no ambiente digital, com o objetivo de adequar os conteúdos noticiosos ao novo meio. (LONGHI, 2014). O aperfeiçoamento do meio digital está na hipermidialidade, multimidialidade e na sua linguagem.

[...] o avanço na exploração e utilização das características do meio, aliados ao desenvolvimento das ferramentas de criação e uma preocupação formal

com o texto jornalístico, resultaram em produtos de qualidade crescente, fato atestado pela ampla repercussão da grande reportagem multimídia no jornalismo digital. (LONGHI, 2014, p. 914).

A grande reportagem *long form* utiliza de ferramentas tecnológicas e avançadas para uma produção jornalística mais elaborada, inovadora, completa e criativa em um ambiente de muitas possibilidades.

3 ARTRITE REUMATOIDE

Artrite Reumatoide (AR) é uma doença inflamatória crônica que afeta várias articulações do corpo. A causa é desconhecida, mas existem fatores que podem influenciar no desenvolvimento da doença. Por exemplo, fatores genéticos, infecções virais, bactérias, tabagismo e fatores ambientais.

A Artrite Reumatoide é diagnosticada seguindo critérios, são eles: rigidez matinal durante pelo menos uma hora; artrite em pelos menos três áreas articulares; artrite em articulações das mãos: punhos, interfalangeanas próximas (articulação do meio dos dedos) e metacarpofalangeanas (entre os dedos das mãos); artrite simétrica; presença de nódulos reumatoides; presença do fator reumatoide no sangue e alterações radiográficas. Caso quatro desses critérios sejam encontrados, é diagnosticado a doença.

3.1 SINTOMAS E IMPACTOS DA DOENÇA

Segundo a Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR) (2017), os sintomas mais comuns da AR são dor, edema, calor e vermelhidão em qualquer articulação do corpo, principalmente mãos e punhos. Mas outras áreas do corpo podem ser afetadas, como a coluna cervical.

O comprometimento da coluna lombar e dorsal é raro mas a coluna cervical é frequentemente envolvida. As articulações inflamadas provocam rigidez matinal, fadiga e com a progressão da doença, há destruição da cartilagem articular e os pacientes podem desenvolver deformidades e incapacidade para realização de suas atividades tanto de vida diária como profissional. As deformidades mais comuns ocorrem em articulações periféricas como os dedos em pescoço de cisne, dedos em batoeira, desvio ulnar e hálux valgo (joanete). (SBR, 2017).

Os dedos em “pescoço de cisne” é a condição em que a articulação mais distante da palma da mão força a ponta do dedo para apontar para a palma da mão.

IMAGEM 1: PESCOÇO DE CISNE



FONTE: SCIENCE PHOTO LIBRARY

Os dedos em batoeira é a deformação em que a articulação central do dedo fica curvada em uma posição fixa para dentro, ou seja, em direção à palma da mão e a última articulação flexiona-se excessivamente para fora, na direção oposta à palma da mão.

IMAGEM 2: DEDOS EM BOTOEIRA



FONTE: SPRINGER SCIENCE+BUSINESS MEDIA

O desvio ulnar e hálux valgo ou joanete como é conhecido, se trata de um desvio medial do osso do dedão do pé ou das mãos. Essa deformidade é uma

distorção do pé para dentro e em casos mais graves pode até cruzar por baixo dos outros dedos do pé.

IMAGEM 3: DESVIO ULNAR E HÁLUX



FONTE: ISTOCK BY GETTY IMAGES

A AR prejudica as articulações, mas pode acometer outros órgãos ou tecidos do corpo. Por exemplo, a pele, unhas, músculos, rins, coração, pulmão, sistema nervoso, olhos e sangue. Além disso, a SBR (2017) alerta que a doença pode ajudar no desenvolvimento da Síndrome de Felty, que se caracteriza pelo aumento do baço, dos gânglios linfáticos e queda dos glóbulos brancos.

3.2 TRATAMENTOS

O tratamento que combate a AR varia de acordo com o estágio da doença, de sua atividade e gravidade. Quanto mais avançada estiver a doença mais agressivo deve ser o tratamento.

[...] Os antiinflamatórios são a base do tratamento seguidos de corticóides para as fases agudas e drogas modificadoras do curso da doença, a maior parte delas imunossupressoras. Mais recentemente os agentes imunobiológicos passaram a compor as opções terapêuticas. O tratamento com antiinflamatórios deve ser mantido enquanto se observar sinais inflamatórios ou o paciente apresentar dores articulares. O uso de drogas modificadoras do curso da doença deve ser mantido indefinidamente. O tratamento medicamentoso é sempre individualizado e modificado conforme a resposta de cada doente. (SBR, 2017).

Fisioterapia e terapia ocupacional ajudam o paciente a continuar a exercer suas atividades cotidianas. Atividades aeróbicas, exercícios resistidos, alongamento e relaxamento contribuem no condicionamento físico do paciente. Além disso, cirurgias também são uma forma de tratamento. A cirurgia sinovectomia, artrodese, artroplastias totais e etc, são algumas recomendadas aos pacientes, de acordo com o grau da AR.

O médico responsável por tratar a Artrite Reumatoide e outras doenças reumáticas é o reumatologista. Seu trabalho é estudar a doença, confirmação do diagnóstico, investigação, prevenção secundária e tratamento dos pacientes.

Assim como outras doenças, a AR deve ser tratada de forma contínua por um especialista. Os intervalos das consultas são de acordo com o diagnóstico da doença e a decisão do médico. Os frequentes exames contribuem para identificar as atividades da doença e seu estágio. Todos os tratamentos, desde medicamentos até cirurgias, são realizados com a orientação e autorização de um especialista.

3.3 PACIENTES

Segundo uma pesquisa sobre os pacientes da AR realizada em 2018 com 41 pessoas que possuem a doença, a Artrite Reumatoide é predominante entre as mulheres, com a faixa etária de 40 a 60 anos, atingindo principalmente, mulheres acima de 40 anos de idade. (NAGAYOSHI *et alii*, 2018). Ainda segundo o artigo, os pacientes apresentavam maiores dificuldades na realização de atividades do cotidiano. Por exemplo, pegar e alcançar objetos.

Pessoas com AR precisam de auxílio em determinadas ações domésticas, pois a doença causa o enfraquecimento dos ossos e dores fortes nas articulações. Dependendo do grau da doença no paciente, pode ocorrer o comprometimento de atividades diárias. Por exemplo, ir ao banheiro, se alimentar, andar, tomar banho, fazer compras, calçar os sapatos e vestir-se, nessas situações a pessoa diagnosticada perde sua autonomia e privacidade em decorrência da doença. (NAGAYOSHI *et alii*, 2018).

A Artrite Reumatoide pode causar um afastamento dos pacientes em atividades rotineiras, pois acomete e causa limitações no funcionamento produtivo de cada indivíduo. As atividades de maior dificuldade dos pacientes com AR são domésticas,

já que, a maioria dos pacientes são do sexo feminino e que as atividades de casa são culturalmente destinadas às mulheres.

Destaca-se ainda que a perda de capacidade funcional do paciente com AR, ao longo da vida, é influenciada não apenas pela idade ou pelo tempo da doença, mas também pelos níveis de dor e pelas medicações em uso. (NAGAYOSHI; LOURENÇÃO; KABAYOSE; PAULA; MIYAZAKI, 2018, p. 51).

Os pacientes precisam fazer o tratamento da doença, pois com ele, a amenização dos sintomas da AR, como as dores, edema articular e outros sintomas, como a fadiga são explorados para a melhoria da vida de cada um. Mas não é somente de dor física de as pessoas com AR sofrem. Doenças crônicas, como a Artrite Reumatoide tem ligação direta com a psicologia. É comum pacientes passarem por tratamentos psicológicos logo no início do diagnóstico.

Com todas as possibilidades de acometer o funcionamento que a AR corrobora, as pessoas afetadas pela doença passam por tratamentos psicológicos para compreender e aceitar as possíveis limitações e dificuldades que enfrentaram. Cada paciente tem características diferentes e o seu grau de AR, portanto, apresentam sintomas, tratamentos e reações distintas a doença.

4 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A escolha do tema, a princípio, foi por uma questão de interesse pessoal. Já que, uma das envolvidas no trabalho possui em sua família pessoas diagnosticadas com a doença. Além disso, já foi produzida uma reportagem para a Rádio Uninter e para o Jornal Marco Zero³ sobre a AR. Depois de uma pesquisa através do Google, páginas e comunidades do Facebook e conversas com pessoas que conheciam ou que tinham Artrite Reumatoide, o assunto foi escolhido por sua relevância e importância social.

Para a produção do trabalho foi levada como exemplo as reportagens produzidas no Uol Tab, portal de divulgação de reportagens, fotos e vídeos sobre tendências, comportamento, política e cultura em formatos inovadoras. Por exemplo, as reportagens Haja Saúde⁴ e Os médicos estão doentes⁵.

A realização do trabalho foi dividida em três partes: pré-produção, produção e pós-produção. A pré-produção da reportagem *long form* “VivenciAR: a dor invisível aos olhos”, contou com a pesquisa bibliográfica, com referências de autores que estudaram e pesquisaram sobre jornalismo digital, grande reportagem *long form*, jornalismo científico, recursos multimídia na internet, técnicas de reportagem e entrevista em jornalismo e informações técnicas sobre a doença. Desse modo, o trabalho possui embasamento teórico sobre a teoria e prática do jornalismo e da reportagem *long form*.

Inicialmente, para a produção deste trabalho foi considerado a definição de método científico. A metodologia científica é um instrumento para alcançar objetivos e resultados. Como um caminho para percorrer, o método científico auxilia nos procedimentos necessários para alcançar o objetivo pré-estabelecido. (FERRARI, 1982).

A metodologia é, pois, o estudo da melhor maneira de abordar determinados problemas no estado atual de nossos conhecimentos. A metodologia não procura soluções, mas escolhe as maneiras de encontrá-las, integrando os conhecimentos a respeito dos métodos usados nas diferentes disciplinas científicas ou filosóficas. (SILVA, 2004, p. 22).

³ https://issuu.com/jornalmarcozero/docs/marco_zero_52

⁴ <https://tab.uol.com.br/gordos-saude#imagem-1>

⁵ <https://tab.uol.com.br/medicos-suicidio/>

A pesquisa bibliográfica busca explicar o problema através de referências teóricas publicadas sobre o assunto abordado. (SILVA, 2004, p. 40). Para Silva, “a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de qualquer pesquisa científica”. (SILVA, 2003, p. 49). Com o objetivo de identificar autores que dão embasamento teórico e prático dos métodos da pesquisa acadêmica e da elaboração do produto, a pesquisa bibliográfica foi utilizada para adquirir conhecimentos científicos e culturais sobre o tema e o formato do trabalho.

Em seguida foi elaborado uma pesquisa documental, que tem como característica investigar o tema abordado, com documentos que auxiliam na descrição e na comparação das características de uso, tendências, costumes e diferenças. (SILVA, 2004, p. 41). Neste trabalho, essa metodologia foi feita por meio de artigos científicos sobre AR e no site da Sociedade Brasileira de Reumatologia. Esta etapa auxiliou na pesquisa por documentos, dados, estatísticas, informações e conteúdos sobre Artrite Reumatoide.

O objetivo deste trabalho é informar, conscientizar e humanizar a Artrite Reumatoide. Para isso, ainda na pré-produção foi realizada uma pesquisa de público, por meio de um questionário no Google Docs⁶. Para esta pesquisa foi elaborada seis perguntas: Idade; Gênero; Em qual região do Brasil você reside?; Você sabe o que é Artrite Reumatoide?; Qual sua relação com a doença? e O que você acha mais relevante em conteúdos jornalísticos sobre a doença?.

A pesquisa foi divulgada online, na rede social Facebook, no grupo Artrite Reumatoide da associação EncontrAR, durante os dias 17 de maio a 24 de maio. Foram obtidas 171 respostas. Os dados adquiridos por meio deste questionário apresentam a prevalência do sexo feminino, com idade entre 40 e 60 anos, moradoras da região Sudeste e Sul. Quanto a relação com a doença, 94,2% são pacientes. Sobre os conteúdos jornalísticos mais relevantes sobre a doença, obteve-se as seguintes informações:

⁶https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSctV_Jyq1Dr7qCMvMhiQkfKIGag3PchFies95xD9L9A7RQq7A/viewform?usp=sf_link

IMAGEM 4: PERGUNTA CONTEÚDO JORNALÍSTICO

O que você acha mais relevante em conteúdos jornalísticos sobre a doença? (Aqui você pode selecionar o...ês aspectos que mais lhe interessam)

171 respostas

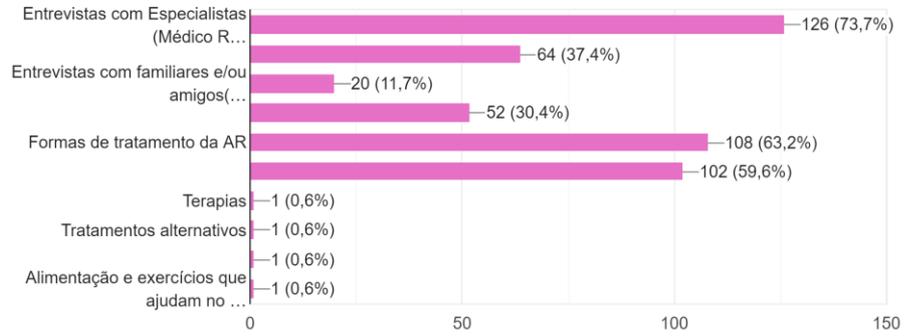


IMAGEM 5: PERGUNTA SOBRE GÊNERO

Gênero?

171 respostas

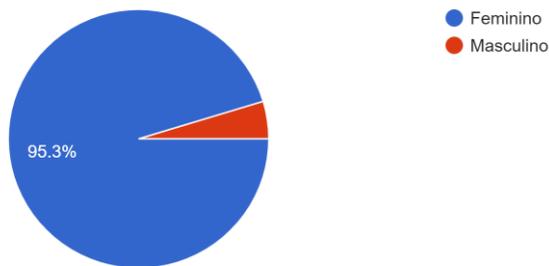


IMAGEM 6: PERGUNTA SOBRE REGIÃO

Em qual região do Brasil você reside?

171 respostas

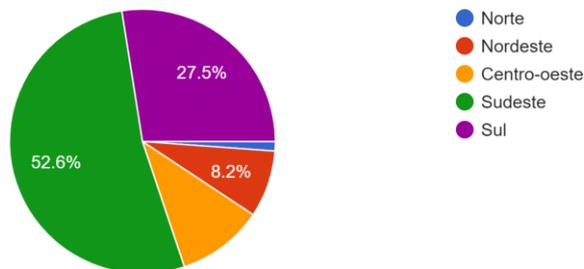


IMAGEM 7: PERGUNTA CONHECE ARTRITE REUMATOIDE

Você sabe o que é Artrite Reumatoide (AR)?

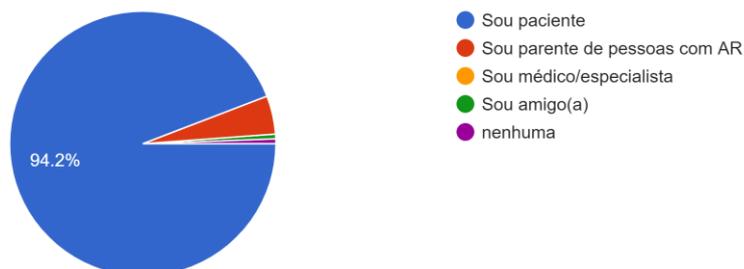
171 responses



IMAGEM 8: PERGUNTA SOBRE RELAÇÃO COM A DOENÇA

Qual sua relação com a doença?

171 responses



Entrevistas com especialistas (73,7%), entrevista com pacientes (37,4%), formas de tratamentos da AR (63,2%) e relatos sobre os efeitos no cotidiano de quem tem a doença (59,6%) foram as opções mais escolhidas como assuntos importantes para a produção deste trabalho. Por isso, foram realizadas entrevistas com um especialista para abordar informações técnicas sobre a Artrite Reumatoide e duas pessoas portadoras da doença, para contar suas histórias e experiências com a AR. Dessa maneira, o trabalho apresentará um conteúdo informativo e humanizado sobre a AR.

No processo de produção, foi produzida pauta, entrevistas jornalísticas com roteiro de perguntas e a edição do trabalho. A elaboração de pauta teve como objetivo o planejamento e organização das fases da produção da *long form*

Além disso, a pauta também ajudou na tomada de decisões, interpretações, coleta e organização de dados e na seleção de aspectos, pois também serve como um guia que orienta o caminho a seguir. Por meio da pauta foram definidos as fontes,

horários e locais de entrevistas, o roteiro de perguntas para os entrevistados e quais as ferramentas utilizadas nas entrevistas.

As fontes foram separadas em três categorias: fontes oficiais, fontes primárias e secundárias e fontes de testemunho. Estatísticas sobre a doença foram as fontes oficiais utilizadas no trabalho. Segundo Lage (2004), este tipo de fonte são as mais confiáveis entres os jornalistas e são disponibilizadas “por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc”. (LAGE, 2004, pg. 63). As fontes oficiais utilizadas no projeto foram o Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE), Organização Mundial da Saúde (OMS), Ministério da Saúde, Sociedade Brasileira de Reumatologia e produções da Revista Brasileira de Reumatologia.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, pois permitem uma conversa que possibilita oportunidades únicas aos jornalistas. Por exemplo, a observação e fazer perguntas surpresas. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009). Observar o entrevistado dá capacidade de adquirir informações que deixaram o texto mais rico. “Esse tipo de informação enriquece o texto e ainda permite que o repórter elabore novas perguntas ao perceber determinada aprovação ou reprovação da pessoa”. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 78).

Nas entrevistas, foram selecionadas três fontes: o reumatologista Andreas Funke e com as pacientes Andréa Tavares e Janete Tavares, que são parentes. As fontes secundárias são utilizadas pelos jornalistas para “a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais”. (LAGE, 2004, pg. 66). No trabalho a fonte secundária foi o reumatologista - médico especialista em Artrite Reumatoide -, para contextualizar e explicar aspectos técnicos sobre a doença. Como por exemplo, origem, causa, sintomas, características, tratamentos, etc.

Fontes primárias “são aquelas que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números”. (LAGE, 2004, pg. 65-66). As pacientes Andréa Tavares e Janete Tavares são fontes primárias, pois forneceram informações, fatos e versões sobre como a doença atingiu suas vidas. Dessa maneira, foi possível ter um retrato mais fiel ao impacto na AR. Além disso, as pacientes também foram fontes de testemunhos, já que, ambas vivenciam a doença.

De modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardas fatos na memória a longo prazo, a mente o reescreve como narrativa ou factual [...]. (LAGE, 2004, pg. 67).

As entrevistas são uma ferramenta para conseguir informações e apurá-las, interpretações e relatos sobre acontecimentos. Lage (2004), aponta como um significado da entrevista é “uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público”. (LAGE, 2004, pg. 73). Lage, cita oitos tipos de entrevista: ritual, temática, testemunhal, em profundidade, ocasional, confronto, coletiva e dialogal.

A entrevista temática que tem como objetivo abordar determinado assunto que o entrevistado tenha domínio. Este tipo de entrevista foi realizado com o reumatologista Andreas Funke, que detém conhecimento sobre a Artrite Reumatoide. O tipo de entrevista com as pacientes Andréa Tavares e Janete Tavares foram testemunhais, que se trata “do ponto de vista particular do entrevistado, que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações”. (LAGE, 2004, pg. 75). As duas personagens contaram, de forma pessoal e individual, suas experiências com a AR. Também podemos associar a entrevistas com as pacientes, a entrevista em profundidade que tem como objetivo focar no entrevistado e no seu depoimento e impressão em relação a sua vida.

O objetivo da entrevista aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, 2004, pg. 75).

As três entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com a câmera Canon T5 e lente de 50mm, e tiveram em torno de 30 minutos cada uma. Os locais das entrevistas com as pacientes foram em suas residências e com o reumatologista em seu consultório. A princípio, também seria realizada uma entrevista com uma psicóloga, mas foi descartada, pois nas entrevistas com as pacientes não foi apontado a real necessidade, já que, ambas as personagens tiveram uma experiência curta com o tratamento psicológico. Além disso, a entrevista com o reumatologista reforçou que o apoio psicológico é algo mais raro nos pacientes com Artrite Reumatoide.

Cada declaração serviu para contextualizar, informar e conscientizar a sociedade sobre a AR. Desse modo, o material produzido tem credibilidade e veracidade em seu conteúdo.

Uma maneira de não esquecer de mostrar todos os lados de um assunto é pensar que nada está restrito apenas ao presente. Tudo tem uma história, tem uma origem, vem de algum lugar. E essa é a função de um texto jornalístico: descobrir tudo o que cerca determinada notícia e apontar de que forma esses dados se relacionam ou representam o desdobramento de outro acontecimento. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 123).

Ainda no processo de produção, o site que seria utilizada como plataforma de armazenamento do trabalho foi alterada. No primeiro momento o site escolhido foi o Medium, mas depois de alguns testes observou-se que alguns recursos não seriam possíveis de realizar. Em seguida, foi pensado em utilizar o site Weebly, mas outras alternativas foram levadas em consideração. Durante uma semana foram testados os sites Weebly, Medium, Atavist e Wix e suas ferramentas. O site escolhido para abrigar a *long form* foi o Wix, o modelo utilizado para a construção da página foi encontrado por meio de uma pesquisa no site com a palavra-chave narrativa. O template escolhido foi Portfólio de Fotografia do Cotidiano, este modelo é gratuito e permitiu implementar os recursos audiovisuais e de imagens interativas propostos no trabalho. Além disso, apresenta a narrativa de longform e disponibiliza a opção de menu, usada no trabalho para permitir o leitor a ler de forma não linear.

Depois de recolhidos os dados, informações, depoimentos, entrevistas e todo tipo de material utilizado para a elaboração deste trabalho, foi realizada a organização do material. Nesta etapa, foram analisados os materiais recolhidos durante o desenvolvimento de todo o processo jornalístico. Os repórteres ouviram e assistiram às gravações dos entrevistados, fizeram anotações e releeram os pontos destacados. Esse procedimento ajudou a começar o texto, pois “a matéria jornalística sempre será aberta por aquilo que for mais novo ou mais interessante”. (FLORESTA; BRASLAUSKAS, 2009, p. 116).

Com todos os materiais recolhidos, analisados e organizados, foi realizada a reportagem. Considerada uma extensão da notícia, “a reportagem constitui, assim, basicamente, um dos gêneros jornalísticos”. (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 11). Neste presente trabalho serão usados os métodos de reportagem, apresentando suas principais características, a “predominação da forma narrativa, humanização do relato,

texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados”. (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 15).

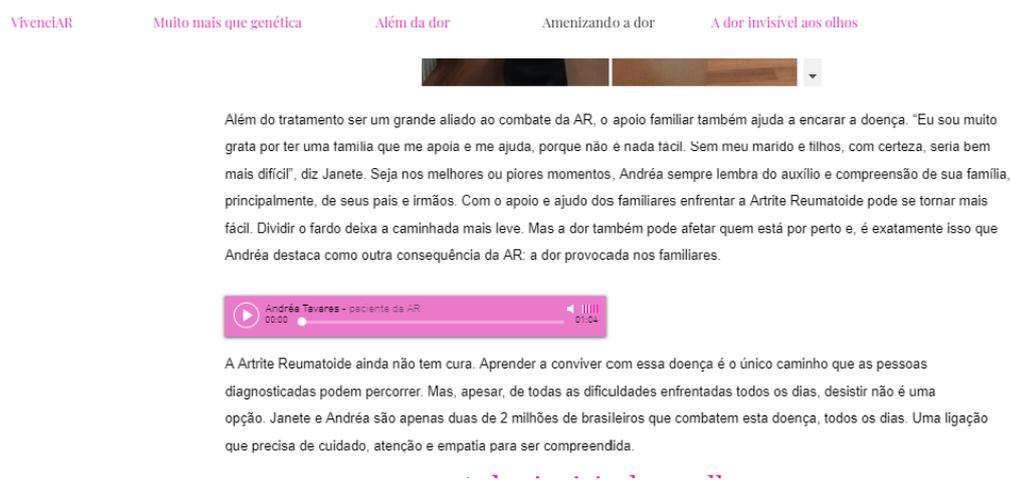
A edição de todo o material, texto, fotos, áudios, vídeos e infográficos foram exploradas considerando a contextualização do assunto, o público a ser atingido e a narrativa digital disponibilizada pelo webjornalismo. Na web, a edição jornalística pode ser dividida em: “a) texto multilinear, b) reportagem multiforme e c) pacote multimídia”. (MOHERDAUI, 2007, p. 197).

Na produção do projeto “VivenciAR: a dor invisível aos olhos”: reportagem *long form* sobre Artrite Reumatoide, além de recursos textuais, foram usados recursos multimídia e infografia, com a finalidade de colocar em prática técnicas de cada formato jornalístico. A produção multimídia do trabalho contou com imagens estáticas, imagens animadas, infográfico, vídeos, áudios e textos. Todo o material adquirido nas entrevistas e pesquisas foram divididos e aplicados nesses recursos.

Por multimídia entenderemos todos os programas e sistemas em que a comunicação entre homem e computador se dá através de múltiplos meios de representação de informação, como som e imagem animada, além de imagem estática já usadas nos aplicativos gráficos. (PAULA FILHO, 2009, p. 3).

IMAGEM 9: ÁUDIO NA REPORTAGEM *LONG FORM*

VivenciAR Muito mais que genética Além da dor Amenizando a dor A dor invisível aos olhos



Além do tratamento ser um grande aliado ao combate da AR, o apoio familiar também ajuda a encarar a doença. “Eu sou muito grata por ter uma família que me apoia e me ajuda, porque não é nada fácil. Sem meu marido e filhos, com certeza, seria bem mais difícil”, diz Janete. Seja nos melhores ou piores momentos, Andréa sempre lembra do auxílio e compreensão de sua família, principalmente, de seus pais e irmãos. Com o apoio e ajuda dos familiares enfrentar a Artrite Reumatoide pode se tornar mais fácil. Dividir o fardo deixa a caminhada mais leve. Mas a dor também pode afetar quem está por perto e, é exatamente isso que Andréa destaca como outra consequência da AR: a dor provocada nos familiares.

Andréa Tavares - paciente de AR

A Artrite Reumatoide ainda não tem cura. Aprender a conviver com essa doença é o único caminho que as pessoas diagnosticadas podem percorrer. Mas, apesar, de todas as dificuldades enfrentadas todos os dias, desistir não é uma opção. Janete e Andréa são apenas duas de 2 milhões de brasileiros que combatem esta doença, todos os dias. Uma ligação que precisa de cuidado, atenção e empatia para ser compreendida.

IMAGEM 10: BOX INTERATIVO RERPORTAGEM LONG FORM

VivenciAR

Muito mais que genética

Além da dor

Amenizando a dor

A dor invisível aos olhos

Perdi amigos, ninguém quer ficar do lado de alguém que só sente dor. Deixei de sair, me fechei de uma maneira que não consigo explicar”, diz Andréa.



IMAGEM 11: PRIMEIRA IMAGEM INTERATIVA

VivenciAR

Muito mais que genética

Além da dor

Amenizando a dor

A dor invisível aos olhos

PRINCIPAIS PONTOS ONDE A DOENÇA ATACA

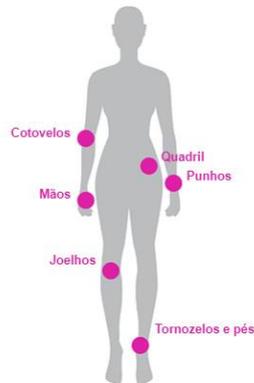


IMAGEM 12: SEGUNDA IMAGEM INTERATIVA

VivenciAR

Muito mais que genética

Além da dor

Amenizando a dor

A dor invisível aos olhos

“Convivido com a Artrite Reumatoide há 10 e nada faz e durante toda a história de Janete e Andréa a dor sempre esteve presente. Essa companhia não desejada é uma das principais características da doença e, todos os dias atinge partes diferentes do corpo e de maneiras distintas. Mas como é essa dor? Inexplicável. “É impossível descrever a dor. Não tem nada comparado, somente sentindo para saber como é”, fala Janete. Andréa tenta achar palavras que descrevam a dor causada pela AR. “Parece que meus ossos estão ‘quebrando’, se ‘movendo’. Mas é uma dor inexplicável”, comenta.

Tipos de tratamentos



Medicamentos



Tratamentos alternativos



Cirurgias nas articulações

O tratamento é uma maneira de aliviar as dores causadas pela AR. Segundo Funke, quanto antes se descobrir o diagnóstico e começar o tratamento, mais chances tem de controlar o avanço da Artrite Reumatoide. “Sem um tratamento adequado, com o

IMAGEM 13: TERCEIRA IMAGEM INTERATIVA

VivenciAR

Muito mais que genética

Além da dor

Amenizando a dor

A dor invisível aos olhos



IMAGEM 14: AUDIOVISUAL NA REPORTAGEM *LONG FORM*

VivenciAR

Muito mais que genética

Além da dor

Amenizando a dor

A dor invisível aos olhos

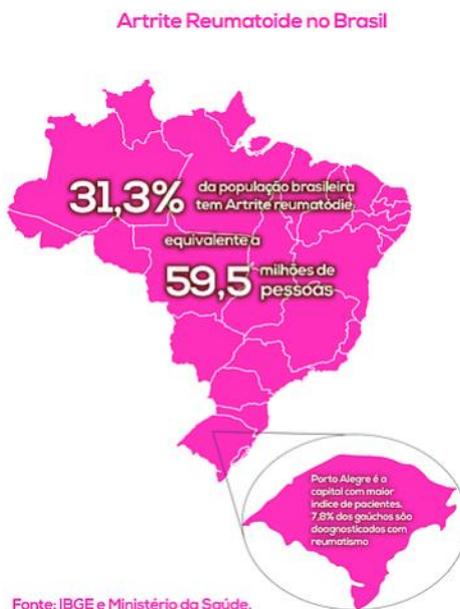
Muito mais que genética

Segundo a Sociedade Brasileira de Reumatologia, **ainda não se sabe a real causa** da Artrite Reumatoide, mas alguns aspectos podem ajudar no desenvolvimento da doença. Como por exemplo, tabagismo, sedentarismo, infecções virais ou bacterianas, genética, etc



O artigo **Artrite Reumatoide: uma visão atual**, publicado na revista Scientific Electronic Library Online em 2011, aponta que o fator genético contribui em 60% para o desenvolvimento da doença. Ainda segundo o artigo, o risco estimado de familiares de

IMAGEM 15: INFOGRÁFICO MAPA



As imagens animadas foram produzidas no Adobe Photoshop e finalizadas no site Wix, que disponibiliza a opção de criar caixas, slideshows e imagens interativas. Este recurso foi utilizado para apresentar informações de uma maneira mais interativa. A infografia é uma nova linguagem do jornalismo na web que combina linguagens no meio digital para informar (LONGHI 2009), tem como objetivo tornar a informação jornalística mais atrativa e “auxiliar o leitor a compreender algo que, comunicado de outra maneira, poderia ser complexo demais”. (LIMA, 2015, pg. 1).

As caixas foram usadas duas vezes para citar frases marcantes das pacientes. O slideshow foi utilizado para apresentar outros aspectos de Andréa Tavares e Janete Tavares em relação à doença, por exemplo, medicamentos e cirurgias realizadas. As imagens interativas aparecem duas vezes no trabalho, a primeira é para apontar os principais pontos do corpo que a AR afeta e a segunda para apresentar os três tipos de tratamentos da doença. Esta ferramenta funciona da seguinte maneira: ao passar o mouse por cima da imagem, surge as informações em texto.

Para a edição de áudios utilizarem o programa Adobe Audition. São usados dois áudios no decorrer da reportagem *long form*, um de Andréa Tavares e outro de Janete Tavares. Por meio do programa Adobe Photoshop foi produzida a infografia. No trabalho são utilizados três infográficos: o primeiro, trata-se de um mapa mostrando o número de paciente com AR no Brasil e apontando a capital do Rio Grande do Sul

com o maior índice de pessoas diagnosticadas com a doença; o segundo mostra dados sobre os impactos sociais da Artrite Reumatoide na vida dos pacientes.

As gravações audiovisuais não seguiram o padrão de uma reportagem para TV, mas levaram em consideração as definições de documentário. Foram usados alguns métodos de documentário, definidos por NICHOLS (2005), como poético, reflexivo, observacional e performático nos vídeos de takes mais curtos, com o objetivo de ser mais atrativo e dinâmico. O documentário é uma vertente do cinema, no qual busca apresentar fatos em uma narrativa cinematográfica. Segundo Nichols (2005), o documentário é a voz pelas quais o vídeo e o filme documentário apresentam o mundo, mas com uma perspectiva diferente. (NICHOLS, 2005). O avanço do documentário pode ser considerado pela capacidade de visualizar e transmitir a vida como ela realmente é.

Uma forma corrente de explicar a ascensão do documentário inclui a história do amor do cinema pela superfície das coisas, sua capacidade incomum de captar a vida com ela é; capacidade que serviu de marca para o cinema primitivo e seu imenso catálogo de pessoas, lugares e coisas recolhidas em todos os lugares do mundo. Como a fotografia antes dele, o cinema foi uma revelação. As pessoas nunca tinham visto imagens tão fiéis a seus temas nem testemunhado movimento aparente que transmitisse sensação tão convincente de movimento real. (NICHOLS, 2005, p. 117).

Com a capacidade imagens em movimento que capturam a realidade deixada de herança do cinema, o documentário aprimorou sua narrativa. De maneira poética e dominante, “a narrativa propicia uma maneira formal de contar histórias, que pode ser aplicada ao mundo histórico e também ao imaginário”. (NICHOLS, 2005, p. 126). O documentário tem muitas vozes, ou seja, existem tipos diferentes de documentários. “Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma “natureza” própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. ” (NICHOLS, 2005, p. 135). Foram usados os métodos do documentário poético, reflexivo, observacional e performático nos vídeos de takes mais curtos, com o objetivo de ser mais atrativo e dinâmico.

O modelo poético é alinhado com o modernismo e representa a vida em “fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas”. (NICHOLS, 2005, p. 140). O documentário poético apresenta fragmentos mais estéticos e poéticos.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução. Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas. O elemento retórico continua pouco desenvolvido. (NICHOLS, 2005, p. 138).

O documentário observativo propõe a observação. O modo observativo não se preocupa em construir padrões, formas e argumentos, mas se ocupada em filmar as pessoas com seus afazeres. (NICHOLS, 2005). Nichols (2005), explica que do documentário reflexivo a atenção está no cineasta e no espectador, “nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo histórico como também dos problemas e questões da representação”. (NICHOLS, 2005, p. 162). O modelo reflexivo é a representação mais consciente e mais questionadora. Nesse modo de fazer documentário é possível ter contato real com o mundo através da tela, pois “o documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito de sua relação com o documentário e aquilo que ele representa”. (NICHOLS, 2005, p. 166).

Para editar os materiais em vídeos foi usado o programa Adobe Premier. O recurso audiovisual aparece também duas vezes, por meio de um trecho da entrevista do reumatologista Andreas Funke e no minidocumentário audiovisual do trabalho. O minidocumentário foi postado nas redes sociais Facebook, no grupo de pacientes e parentes de pessoas com Artrite Reumatoide, junto do link para o trabalho completo. Todas produções audiovisuais produzidas no trabalho também foram postadas na plataforma Youtube⁷, no canal criado para o projeto, chamado VivenciAR.

As cores utilizadas na reportagem *long form* foram branco e rosa, código #DE20A6. O branco e o rosa são as cores usadas como identificação da doença, aparecendo em grupos, nas redes sociais e na Associação EncontrAR. A divulgação e distribuição de todo o material foi realizada no site Wix. A plataforma é intuitiva e permite que pessoas que não têm conhecimento de programação HTML possam desenvolver um site com template adequado ao tipo de produto. A produção teve a colaboração do Grupo de Apoio aos Pacientes Reumáticos no Brasil (EncontrAR), que trabalha na difusão de informações sobre a doença e na conscientização sobre os seus efeitos. “VivenciAR: a dor invisível aos olhos” foi produzida e disseminada para

⁷ <https://www.youtube.com/channel/UCXL7Tf1C2cjqImk3hEsvzA>.

informar sobre a Artrite Reumatoide aos seus leitores e pessoas que busquem informações sobre a doença. A reportagem pode ser encontrada por meio deste link:

<https://vivenciartritereum.wixsite.com/vivenciar>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao produzir a reportagem *long form* VivenciAR: a dor invisível aos olhos⁸, percebeu-se a importância do jornalismo de saúde. Com a função de decodificar ou traduzir para a sociedade, o jornalismo vai além da informação, vai à humanização. Desta forma, além de informar, pode conscientizar e provocar solidariedade e empatia. Além disso, a relevância do tema se intensificou com o contato direto com as fontes, pois foi possível estabelecer uma conexão. Dessa maneira, os personagens se sentiram mais à vontade em contar sobre suas vidas e como a Artrite Reumatoide as afetou.

Por meio dos materiais produzidos e adquiridos durante o desenvolvimento do projeto, desde pesquisas, entrevistas e imagens, foi possível alcançar o objetivo do trabalho: realizar uma reportagem especial no modelo *long form* sobre a doença Artrite Reumatoide, identificando origem, tratamento e relatos de pacientes diagnosticados com a doença, com a finalidade de sensibilizar a população em relação à realidade de quem possui a doença. Para cumprir com esta proposta foram realizados os objetivos específicos do trabalho.

No primeiro momento, na etapa de pré-produção foram realizadas as pesquisas bibliográficas e documentais sobre AR, que resultaram nas informações, apurações e investigações sobre dados da doença e os impactos da Artrite Reumatoide na vida dos pacientes e confirmadas com as entrevistas com as personagens Andréa Tavares e Janete Tavares. Entrevistar pessoas diagnosticadas com a doença e um especialista também foram concluídas, apenas a entrevista com um psicólogo não foi realizada, pois percebeu-se que não seria necessário.

Com a realização das entrevistas, o terceiro objetivo foi alcançado, a humanização da doença. Toda a produção da *long form* foi pensada e produzida para humanizar os relatos, com a intenção de atingir a população de maneira mais profunda. Para que essa estratégia funcione, o jornalismo precisa produzir sentidos. Por meio de seleção de fontes, valorização de vozes, hierarquização de assuntos, diferentes perspectivas e narrativas distintas, o trabalho aproxima o leitor da realidade dos personagens e cumpre com o papel de mediador de informações oficiais e técnicas, e conscientização da prevenção sobre Artrite Reumatoide.

⁸ <https://vivenciartritereum.wixsite.com/vivenciar>.

Além disso, com a realização deste trabalho foram notados outros aspectos, como a valorização por parte dos entrevistados em falar sobre Artrite Reumatoide. Percebe-se uma carência de atenção por parte da mídia a esta doença e, principalmente, às pessoas portadoras. Também foi possível perceber que a perspectiva dada sobre a Artrite Reumatoide agradou ao público, pois a reportagem *long form* deu voz aos pacientes e seus conflitos e dificuldades diários provocados pela doença. De maneira pessoal, o trabalho causou um efeito positivo, já que, o resultado obtido foi de reconhecimento e gratidão por parte das fontes e do público.

Além disso, com a realização da reportagem *long form* também foi desenvolvido um artigo sobre o jornalismo de saúde, analisando a editoria de saúde da BBC News Brasil pelo viés da escolha de fontes e a narrativa humanizada. O artigo foi apresentado no Congresso Intercom Regional Sul de 2019, realizado na faculdade UniRitter em Porto Alegre-RS. Durante o período de faculdade e com o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, futuramente uma das integrantes do trabalho buscará uma especialização em jornalismo de saúde. Enquanto, o outro integrante almeja uma especialização em recursos multimídia.

Durante a produção da parte teórica da *long form* sentiu-se a falta de mais matérias acadêmicos dedicados a debater sobre o jornalismo de saúde, principalmente, no aspecto de humanização e conscientização. Desse modo, para trabalhos futuros, sugere-se uma evolução na pesquisa e análise sobre esta especialização jornalística. Em relação a temas, sugere-se a aplicação da humanização em produções que abordem outra doença. Pois, conclui-se que a conscientização, a empatia e a solidariedade são maneiras mais eficazes de envolver e prender a atenção da sociedade, e cumprir com o papel social desempenhado pelo jornalismo de saúde.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: dez anos da web... e a revolução continua. **Comunicação e Sociedade**, Portugal, vol. 9-10, 2006, p. 93-102. Disponível em: <https://bit.ly/2JjywjR>. Acesso em: 26 de setembro de 2018.

ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Ana Paula Florêncio Margarido de. **O jornalismo na saúde: uma visão transcontinental**. Dissertação de Mestrado (Área de Especialização em Informação e Jornalismo) – Instituição de Ciências Sociais. Universidade do Minho. Portugal, 2009.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD): um paradigma de produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese (Curso de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2007.

_____. O que jornalismo digital em base de dados. In: **XV Encontro Anual da COMPÓS** – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Bauru, SP, 2016.

BUENO, Wilson da Costa; SANTOS, Marli dos. **Jornalismo Especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2015.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na internet. **Informação e Comunicação Online**, Portugal, vol. 1, 2003, p. 63-73. Disponível em: <https://bit.ly/2PG0tsX>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

_____. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Portugal, 2014, p. 3-24. Disponível em: <https://bit.ly/2JGWZkA>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

CASTILHO, Carlos. Webjornalismo: o que é notícia no mundo *on-line*. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). **No próximo bloco...** O jornalismo brasileiro na TV e na Internet. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 231-256.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 6 ed. São Paulo: Summus, 1986.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 3 ed., São Paulo:Contexto, 2006.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem: roteiro para uma boa apuração**, v. 3. São Paulo: Saraiva, 2009.

IBGE. **PNAD Contínua TIC 2016**: 94,2% das pessoas que utilizaram a Internet o fizeram para trocar mensagens. 2018. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://bit.ly/2C4SCOv>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O Percurso Interpretativo na Produção da Notícia**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

IBOPE. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/1n35YOv>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

KOBAYASE, Yasmine Natasha Syguedomi *et alii*. Artrite Reumatoide: perfil de pacientes e sobrecarga de cuidadores. In: **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2018, p. 45-54. Disponível em: <https://bit.ly/2K5NprS>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 4 ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, Ricardo Cunha. O que é infografia jornalística?. In: **Revista Brasileira de Design da Informação**. São Paulo, v. 12, n 1, 2015, p. 111-127. Disponível em: <https://bit.ly/2Jf9og2>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 12, n.3, set.-dez., 2014, p. 987-917. Disponível em: <https://bit.ly/2PJdYrU>. Acesso em: 30 de setembro de 2018

_____. O nome das coisas: em busca do especial multimídia. In: **Estudos em Comunicação**. Madri, v. 2, n. 7, maio, 2010, p. 149-161. Disponível em: <https://bit.ly/2PaZqSp>. Acesso em: 5 de novembro de 2018.

_____.; WINQUES, Kérley. O lugar do *long form* no jornalismo online: qualidades versus quantidades e algumas considerações sobre o consumo. In: **Brazilian Journalism Research**. Brasília, v. 1, n. 1, abril, 2015, p. 110-127. Disponível em: <https://bit.ly/2PDc0cN>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

_____. Infografia on-line: narrativa intermídia. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, ano VI, n. 1, jan./jun., p. 187-196. Disponível em: <https://bit.ly/2REgLkB>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

LORENZ, Mirko. **Personalização**: análise aos 6 graus. Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Portugal, 2014, p. 137-158. Disponível em: <https://bit.ly/2JGWZkA> Acesso em: 28 de setembro de 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**: a saga dos cães perdidos. 2 ed., São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MEDINA. Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 5 ed., São Paulo: Ática, 2008.

_____. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de Estilo Web**: produções e edições de notícias on-line. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Senac, 2007.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 4 ed., São Paulo: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2007.

PALACIOS, Marcos. Memória: jornalismo, memória e história da era digital. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Portugal, 2014, p. 89-110. Disponível em: <https://bit.ly/2JGWZkA>. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

PAULA FILHO, Wilson de Pádua. **Multimídia: conceitos e aplicações**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

PASSONI, Arquimedes. Jornalismo em saúde: abscessos a serem drenados. In: BUENO, Wilson da Costa; SANTOS, Marli dos (orgs.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo, 2015, p. 31-60. Disponível em: <https://bit.ly/2K0DbZG>. Acesso em: 25 de setembro de 2018.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: Genio, 2011.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Portugal, 2014, p. 53-88. Disponível em: <https://bit.ly/2JGWZkA>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

RUBLECKI, Anelise. Jornalismo científico: problemas recorrentes e novas perspectivas. In: **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, dez. 2009, p. 407-427. Disponível em: <https://bit.ly/2yUZiwi>. Acesso em: 5 de novembro de 2018.

SILVA, Mary Aparecida Ferreira da. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 2. ed., Curitiba: IbpeX, 2003.

_____.; WINQUES, Kérley. O lugar do long form no jornalismo online: **Método Científico**. Curitiba: IBPEX, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed., Florianópolis: Insular, 2005.

VASCONCELOS, Alberto. Jornalismo de Saúde: evidências de um processo de especialização. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, São Paulo, vol. 5-6, 2014-2015, p. 247-251. Disponível em: <https://bit.ly/2DqHFYY>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

WARD. Mike. **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca, 2006.

ANEXOS

Link 1: <https://encontrar.org.br/>

Link 2: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>

Link 3 https://issuu.com/jornalmarcozero/docs/marco_zero_52

Link 4: <https://tab.uol.com.br/gordos-saude#imagem-1>

Link 5: <https://tab.uol.com.br/medicos-suicidio/>

Link 6: <https://bit.ly/2X7E8t7>

Link 7: <https://www.youtube.com/channel/UCXL7Tf1C2cqlmk3hEsvzA>

Link 8: <https://vivenciartriteum.wixsite.com/vivenciar>